

# Poemas ibéricos

Santiago Aguaded Landero

## Poemas ibéricos (26) EFRAÍN HUERTA

10/02/2022



**Poeta mexicano (Guanajuato, 1914-Cidade do México, 1982).** Quarenta anos após a sua morte apresentamos este longo poema, reflectindo a pátria universal do poeta: as palavras, o amor ou a paisagem? Foi politicamente activo e apoiante da República Espanhola durante a Guerra Civil. Pertenceu à chamada "Geração do Ateliê", um grupo marcado pela guerra espanhola. A sua poesia, por vezes revolucionária e por vezes terna, está imbuída de sentimentos extremos que oscilam entre o protesto e o amor. Dos seus livros publicados mencionamos, entre outros, "*Fábula*", "*Geminis*", "*Metáfora*" e "*Pájaro Cascabel*". **Este poema será o primeiro de uma série de poemas** a serem publicados em 2022, nos quais os poetas reflectem sobre a pátria (ou será a mátria?).

---

### Avenida Juárez

Uno pierde los días, la fuerza y el amor a la patria,  
el cálido amor a la mujer cálidamente amada,  
la voluntad de vivir, el sueño y el derecho a la ternura;  
uno va por ahí, antorcha, paz, luminoso deseo,  
deseos ocultos, lleno de locura y descubrimientos,  
y uno no sabe nada, porque está dicho que uno no debe saber nada,  
como si las palabras fuesen los pasos muertos del hambre  
o el golpear en el oído de la espesa ola del vicio  
o el brillo funeral de los fríos mármoles  
o la desnudez angustiosa del árbol  
o la inquietud sedosa del agua...

[...]

Se camina como entre cipreses,  
bajo la larga sombra del miedo,  
siempre al pie de la muerte.  
Y uno no sabe nada,  
porque está dicho que uno debe callar y no saber nada,  
porque todo lo que se dice parecen órdenes,  
ruegos, perdones, súplicas, consignas.  
Uno debe ignorar la mirada de compasión,  
caminar por esa selva con el paso del hombre  
dueño apenas del cielo que lo ampara,  
hablando el español con un temor de siglos,  
triste bajo la ráfaga azul de los ojos ajenos,  
enano ante las tribus espigadas,  
vencido por el pavor del día y la miseria de la noche,  
la hipocresía de todas las almas y, si acaso,  
salvado por el ángel perverso del poema y sus alas.

Marchar hacia la condenación y el martirio,  
atravesado por las espinas de la patria perdida,  
ahogado por el sordo rumor de los hoteles  
donde todo se pudre entre mares de whisky y de ginebra.

Marchar hacia ninguna parte, olvidado del mundo,  
ciego al mármol de Juárez y su laurel escarnecido  
por los pequeños y los grandes canallas;  
perseguido por las tibias azaleas de Alabama,  
las calientes magnolias de Mississippi,  
las rosas salvajes de las praderas  
y los políticos pelícanos de Louisiana,  
las castas violetas de Illinois,  
las bluebonnets de Texas...  
y los millones de Biblias  
como millones de palomas muertas.

[...]

¿Qué país, qué territorio vive uno?  
¿Dónde la magia del silencio, el llanto  
del silencio en que todo se ama?  
(¿Tantos millones de hombres hablaremos inglés?)

Uno se lo pregunta  
y uno mismo se aleja de la misma pregunta  
como de un clavo ardiendo.

Porque todo parece que arde  
y todo es un montón de frías cenizas,  
un hervidero de perfumados gusanos  
en el andar sin danza de las jóvenes,  
un sollozar por su destino  
en el rostro apagado de los jóvenes,  
y un juego con la tumba  
en los ojos manchados del anciano.

Todo parece arder, como  
una fortaleza tomada a sangre y fuego.  
Huele el corazón del paisaje,  
el aire huele a pensamientos muertos,  
los poetas tienen el seco olor de las estatuas  
—y todo arde lentamente  
como en un ancho cementerio.

Todo parece morir, agonizar,  
todo parece polvo mil veces pisado.  
La patria es polvo y carne viva, la patria  
debe ser, y no es, la patria  
se la arrancan a uno del corazón  
y el corazón se lo pisan sin ninguna piedad.

Entonces uno tiene que huir ante el acoso de los búfalos  
que todo lo derrumban, ante la furia imperial  
del becerro de oro que todo lo ha comprado  
—la pequeña república, el pequeño tirano,  
los ríos, la energía eléctrica y los bancos—,  
y es inútil invocar el nombre de Lincoln  
y es por demás volver los ojos a Juárez,  
porque a los dos los ha decapitado el hacha  
y no hay respeto para ninguna paz,  
para ningún amor.

No se tiene respeto ni para el aire que se respira  
ni para la mujer que se ama tan dulcemente,  
ni siquiera para el poema que se escribe.  
Pues no hay piedad para la patria,  
que es polvo de oro y carne enriquecida  
por la sangre sagrada del martirio.

*Pues todo parece perdido, hermanos,  
mientras amargamente, triunfalmente,  
por la Avenida Juárez de la ciudad de México  
—perdón, México City—*

*las tribus espigadas, la barbarie en persona,  
los turistas adoradores de "Lo que el viento se llevó",  
las millonarias neuróticas cien veces divorciadas,  
los gangsters y Miss Texas,  
pisotean la belleza, envilecen el arte,  
se tragan la Oración de Gettysburg y los poemas de Walt Whitman,  
el pasaporte de Paul Robeson y las películas de Charles Chaplin,  
y lo dejan a uno tirado a media calle  
con los oídos despedazados  
y una arrugado postal de Chapultepec  
entre los dedos.*

<sup>1</sup> Primera versión: *El Caimán Barbudo*, 173 (mayo de 1982): 12-13.

Segunda versión: *Magazín Dominical de El Espectador*, 469 (19 de abril de 1992): 3-7

---

### **Avenida Juarez**

*Perde-se os dias, a força e o amor pela pátria,  
o amor caloroso pela mulher calorosamente amada,  
a vontade de viver, o sonho e o direito à ternura;  
anda-se à volta, tocha, paz, desejo luminoso,  
desejos ocultos, cheios de loucura e descobertas,  
e não se sabe nada, porque se diz que não se deve saber nada,  
como se as palavras fossem as pegadas mortas da fome  
ou o bater no ouvido da espessa onda do vício  
ou o brilho funerário dos mármoreos frios  
ou a nudez angustiada da árvore  
ou a inquietude sedosa da água.*

[...]

*Caminha-se como se estivesse entre os ciprestes,  
sob a longa sombra do medo,  
sempre ao pé da morte.  
E não se sabe nada  
porque se diz que é preciso estar calado e não saber nada,  
porque tudo o que é dito parece ser ordens,  
apelos, indultos, súplicas, slogans.  
Deve-se ignorar o olhar de compaixão,  
caminhar por aquela selva com o ritmo do homem.  
mal o dono do céu que o protege,  
falando espanhol com um medo secular,  
triste sob a explosão azul dos olhos de outras pessoas,  
anão perante as tribos magricelas,  
superados pelo pavor do dia e pela miséria da noite,  
a hipocrisia de todas as almas e, se é que existe,*

salvo pelo anjo perverso do poema e das suas asas.  
Marchando para a condenação e o martírio,  
trespassados pelos espinhos da pátria perdida,  
afogados pelo murmúrio enfadonho dos hotéis  
onde tudo apodrece entre os mares de whisky e gin.  
Marchando para lado nenhum, esquecido pelo mundo,  
cego para o mármore de Juárez e o seu louro desprezado  
pelos pequenos e grandes malandros;  
assombrado pelas quentes azáleas do Alabama,  
as magnólias quentes do Mississippi,  
as rosas selvagens das pradarias  
e os pelicanos políticos da Louisiana,  
as lamelas violetas de Illinois,  
as redes bluebonnets do Texas...  
e os milhões de Bíblias  
como milhões de pombos mortos.

[...]

Em que país, em que território se vive?  
Onde a magia do silêncio, o choro  
do silêncio em que tudo é amado?  
(Tantos milhões de homens que vamos falar inglês?)  
Uma maravilha  
e afasta-se a pergunta em si  
a partir de um prego em chamas.  
Porque tudo parece queimar  
e tudo é um amontoado de cinzas frias,  
uma massa de vermes perfumados em forma de grão  
no andar sem dança das jovens mulheres,  
um soluço pelo seu destino  
nas caras enfadonhas dos jovens,  
e uma peça de teatro com a sepultura  
nos olhos manchados do velhote.  
Tudo parece queimar, como  
uma fortaleza tomada pelo sangue e pelo fogo.  
O coração da paisagem cheira mal,  
o ar cheira a pensamentos mortos,  
os poetas têm o cheiro seco de estátuas.  
-e tudo arde lentamente  
como num amplo cemitério.  
Tudo parece morrer, para agonizar,  
tudo parece ser pó mil vezes pisado.  
A pátria é pó e carne viva, a pátria  
deve ser, e não é, a pátria  
arrancam-na do coração

*e o coração é pisado sem piedade.  
Depois tem de se fugir antes do assédio aos búfalos  
que derrubam tudo, perante a fúria imperial do bezerro de ouro  
do bezerro de ouro que comprou tudo  
-a pequena república, o pequeno tirano,  
os rios, a energia eléctrica e as margens,  
e é inútil invocar o nome de Lincoln  
e é inútil virar os olhos para Juárez,  
pois ambos foram decapitados pelo machado  
e não há respeito por qualquer paz,  
por nenhum amor.*

*Não há respeito mesmo pelo ar que se respira  
nem para a mulher que ama tão docemente,  
nem mesmo para o poema que é escrito.  
Pois não há piedade pela pátria,  
que é pó de ouro e carne enriquecida  
pelo sangue sagrado do martírio.  
Pois tudo parece perdido, irmãos,  
embora de forma amarga, triunfante,  
pela Avenida Juarez, na Cidade do México  
-Desculpe-me, México City-  
as tribos que respigam, a barbárie em pessoa,  
os turistas que adoram o vento...  
as milionárias neuróticas cem vezes divorciadas,  
gangsters e a Miss Texas,  
espezinhar a beleza, rebaixar a arte,  
engolir o Discurso de Gettysburg e os poemas de Walt Whitman,  
O passaporte de Paul Robeson e os filmes de Charles Chaplin,  
e deixam-no deitado no meio da rua  
com as orelhas rasgadas em pedaços  
e um postal amarrotado de Chapultepec  
entre os seus dedos.*

*Versão de **MSB**, agosto, 2021*

*Um imenso obrigado a Maria pelo seu trabalho.*